

*SIGNIFICADO DO CLIMATÉRIO
PARA A MULHER OCTOGENÁRIA RURAL*

Isabel Inês Zamarchi Lanferdini¹
Marilene Rodrigues Portella²

resumo

A expectativa de vida crescente da população brasileira nas últimas décadas, com destaque à representatividade expressiva das mulheres, tanto quantitativa como qualitativamente, reflete significativamente tanto no período do climatério e da menopausa quanto na sua qualidade de vida. Este artigo tem como objetivo conhecer a significação do climatério na vivência de um grupo de mulheres rurais octogenárias. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. A amostra constou de sete mulheres octogenárias de descendência italiana, na faixa etária dos 80 aos 88 anos; os dados foram coletados entre os meses de abril e junho de 2010. A estratégia de coleta de dados foi a de entrevista domiciliar, sendo as narrativas obtidas posteriormente avaliadas através da análise de conteúdo. A significação do climatério é determinada pelo contexto

1 Mestre em Envelhecimento Humano pela Universidade de Passo Fundo. Docente do Centro de Ensino Médio Integrado da Universidade de Passo Fundo. E-mail: isabeli@upf.br

2 Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo, líder do Grupo de Pesquisa Vivencer CNPq/UPF. E-mail: portella@upf.br

sócio-histórico-cultural; para as mulheres, é uma condição de alívio, um tempo em que os “incômodos” cessam com o fim dos ciclos menstruais.

palavras-chave

Envelhecimento. Climatério. Cultura.

1 Introdução

O aumento da população idosa feminina denota uma maior longevidade e, em consequência, essas mulheres acabam vivenciando um período maior de suas vidas no climatério e na menopausa, sendo essa uma característica da sociedade moderna. Prata (2003) reforça que esse aumento ocorreu em todo o mundo, levando, atualmente, a mulher a vivenciar um terço de suas vidas, ou até metade delas, no climatério.

A velhice é uma consequência da maior expectativa de vida, sendo um processo gradual e fisiológico de plenificação do ciclo de vida. É um fenômeno característico das sociedades modernas e que deve ser compreendido durante todo o processo de crescimento do indivíduo, revelado pelo próprio mistério da vida (PESSINI, 2004).

O envelhecimento populacional é uma tendência mundial, a qual é acompanhada pelo declínio concomitante do número de jovens. Essa mudança, ou transformação demográfica, emoldura-se na tendência das populações dos países desenvolvidos e, com o passar do tempo, dos países em desenvolvimento (FERNANDES, 2001).

A Organização das Nações Unidas mostra que a população com 60 anos ou mais irá triplicar de 606 milhões, em 2000, para quase dois bilhões em 2050. Nos países desenvolvidos, os idosos correspondem a 20% da população, devendo chegar a 33% até 2050. Nos países em desenvolvimento, essa porcentagem variará de 8% para 20%, principalmente na África, na Ásia e na América Latina (HELMAN, 2009).

Dados do IBGE (2010) confirmam que as mulheres com idade inferior a faixa etária estudada são em número maior no meio urbano, seguindo nessa maioria percentual na faixa etária até os 100 anos. No meio rural, elas possuem uma porcentagem menor, na faixa etária dos 85 aos 89 anos. Na somatória de urbano e rural total, independente da faixa etária das mulheres, elas possuem uma porcentagem superior de 51,04% para 48,96% de homens.

Segundo Neri (2001), em termos de saúde, funcionalidade, proteção e integração social, o envelhecimento acarreta riscos crescentes à mulher; riscos esses que podem ocorrer por predisposição a fatores biológicos, estilo de vida inadequado, histórico de saúde e doença, pobreza, pouca escolaridade, isolamento social e diferenças entre homens e mulheres nas oportunidades cotidianas, prejudicando, dessa forma, as mulheres. Contudo, por outro lado, as mulheres são mais envolvidas social e afetivamente e isso atua a seu favor como uma espécie de proteção. Ainda assim, também por esse viés, elas podem ser relativamente prejudicadas, por imposições que as façam cuidar de seus ascendentes e cônjuges.

O climatério é conceituado como a fase de transição na vida da mulher, entre o período reprodutivo e o não-reprodutivo. A menopausa corresponde ao último período menstrual, reconhecida após 12 meses de sua ocorrência, manifestando-se, em média, ao redor dos 50 anos (BRASIL, 2008; FREITAS et al., 2001).

O termo climatério é derivado do grego *klimaterikos*, que significa degrau, escada. Este indica um ponto crítico, um período de crise, sugerindo uma mudança para um estágio distinto da vida e constituindo-se, também, em uma fase de transição entre a menacme e a senectude, onde se observa, além das alterações na diminuição fisiológica da função ovariana, mudanças endócrinas, somáticas e psíquicas (HANAN et al., 2008).

Para Pinelli (2002), algumas mulheres passam pelo climatério sem os sintomas que caracterizam a síndrome; não significando, contudo, que estarão dispensadas de suas consequências. A autora reforça, ainda, que os aspectos culturais e psíquicos são importantes no agravamento da sintomatologia climatérica, com destaque para o medo de envelhecer, a preocupação com a autoimagem – essa cada vez mais sentida na sociedade moderna –, sentimentos de perda pelo crescimento e independência dos filhos – síndrome do ninho vazio –, eventuais instabilidades conjugais e até disputas com o parceiro.

A palavra “cultura” tem vários significados, porém, dentro da antropologia, as autoras Aranha e Martins (2003) a definem como tudo o que o ser humano, ao construir sua existência, produz, englobando suas práticas, teorias, instituições, valores espirituais e matérias. Trata-se de um conjunto de símbolos elaborados por um povo. As culturas são múltiplas e variadas, pois possuem infinitas possibilidades de serem simbolizadas, são várias as maneiras de se pensar, de se expressar e de agir. Com isso, mudam as maneiras de se trabalhar, de ocupar o tempo de lazer, as expressões artísticas e a forma de interpretar o mundo, assim como a filosofia, a ciência e o mito.

Turato (2003) cita que a concepção de cultura não fala diretamente naquilo que os indivíduos fazem de concreto, mas sim no que pensam em comum daquilo que fazem e dos objetos que utilizam. Johnson (1997) reforça o aspecto conceitual para dizer que o poder e a autoridade da cultura na vida humana têm origem na nossa experiência da mesma, transcendendo, como algo externo a nós, do que realmente fazemos na realidade.

Segundo Ciornai (1999), a maioria dos autores concorda que os fatores culturais e os conflitos da vida pessoal acabam contribuindo para as alterações psicológicas, não estando as mulheres totalmente condenadas pelas oscilações hormonais à instabilidade de humor e a depressões, ainda que o estado hormonal possa influenciar o psiquismo e o humor feminino.

Diante dessa realidade, o conhecimento dos aspectos culturais que permeiam a saúde da mulher, em especial no climatério, tem pertinência no âmbito das políticas públicas. Espera-se que os resultados possam subsidiar futuras ações conferidas pelos profissionais de saúde, voltadas ao cuidado da mulher no seu processo de envelhecer, observando seu contexto social, cultural e histórico, com vistas à promoção de uma assistência humanizada, individualizada e qualificada, seja pelo redimensionamento das estratégias, seja na descoberta de novas possibilidades intervencionistas. Dessa forma, este estudo teve como objetivo conhecer a significação do climatério na vivência de um grupo de mulheres rurais octogenárias.

2 Metodologia, espaço, tempo e sujeitos investigados

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, esta definida por Minayo (2004) como aquela que reúne a realidade que não pode ser quantificada, abrangendo significados profundos das estruturas e relações sociais, buscando a intencionalidade das ações subjetivas, trabalhando com o universo de crenças, significados, atitudes e valores.

A pesquisa foi realizada em uma comunidade rural de um município do interior do estado do Rio Grande do Sul, localizado no planalto sul rio-grandense, na grande região da encosta superior do Nordeste, também conhecida como microrregião do Alto Taquari.

A escolha do local deu-se pela afinidade da pesquisadora com a cultura local, pelas raízes familiares e por ser natural daquele município, onde residem, até hoje, ascendentes, com os quais o contato permanece.

A amostra utilizada é do tipo intencional, cujo tamanho foi definido pela saturação de dados (TURATO, 2003), ou seja, o pesquisador encerra o

recrutamento de participantes quando passam a surgir informações e posicionamentos repetidos frente ao fenômeno em estudo.

Considerando a proposta da pesquisa, a coleta de dados foi executada através da narrativa que, segundo Lira, Catrib e Nations (2003), é uma técnica utilizada dentro da metodologia de pesquisa social em saúde, com o objetivo de conseguir o acesso à experiência dos indivíduos e de seus esquemas de interpretação, no que tange à realidade da vida cotidiana. O período da coleta de dados foi de abril a junho de 2010.

Para seleção das participantes, foi utilizado o círculo de convivência dos familiares da pesquisadora na comunidade, tendo sido realizada previamente uma visita domiciliar para explicar o objetivo da pesquisa, sua temática, o modo de coleta de dados e os seus aspectos éticos. Após o primeiro contato, fora agendado um dia na residência da participante para a realização da entrevista.

Foram realizadas entrevistas com sete mulheres octogenárias, seis residentes no meio rural e uma no meio urbano, com faixa etária entre 80 e 88 anos. As entrevistadas foram identificadas por codinomes utilizando nomes de flores, a fim de preservar sua identidade.

Os critérios de inclusão no estudo foram: mulheres com 80 anos ou mais; residentes no meio rural da comunidade, ou que mantenham os hábitos rurais, mesmo domiciliadas no perímetro urbano; descendentes de italianos; sem comprometimento cognitivo e psicológico; ter tido menopausa fisiológica; com eventual déficit auditivo corrigido e que concordaram em participar da pesquisa mediante formalização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, levando em consideração a Resolução nº 196/96 (BRASIL, 1996) sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. Os critérios de exclusão determinados foram: menopausa cirúrgica; se encontrar gravemente enferma ou possuir outra origem étnica.

A entrevista foi conduzida com auxílio de um roteiro semiestruturado, sendo as narrativas gravadas, posteriormente, transcritas em diário de campo. Para Minayo (2004), a entrevista torna-se um instrumento de coleta de informações privilegiado para as ciências sociais, possibilitando que a fala seja reveladora de condições estruturais, de normas, símbolos e valores, possuindo, ao mesmo tempo, a magia de transmitir, de grupos determinados, suas representações, condições sociais, econômicas, históricas e culturais.

Para a análise e interpretação dos dados coletados da pesquisa, utilizou-se a análise de conteúdo, mais especificamente a análise temática, que se desdobra em três etapas: a pré-análise, entendida como o momento de encontro do pesquisador com o material das entrevistas, neste caso, das

narrativas – após uma leitura seletiva, avançou-se para a etapa seguinte; a exploração do material, atendo-se às operações de codificação, classificação e agregação, formalizando as temáticas; e o tratamento dos resultados obtidos, a inferência e a interpretação, na qual os resultados foram submetidos à reflexão, permitindo estabelecer as relações entre as temáticas agrupadas e o referencial construído. Nesse processo emergiram duas categorias analíticas: as mulheres octogenárias e seu modo de vida, e o significado atribuído: quando as regras cessam, vem o alívio.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UPF – Universidade de Passo Fundo-RS, cadastrado no SISNEP pelo número do CAAE 0019.0.398.000-10.

3 Resultados

3.1 As mulheres octogenárias e seu modo de vida

Para as participantes, na época do climatério, a roça era a extensão de suas atividades da casa. Elas trabalhavam no cultivo da plantação; dependendo da estação do ano e das condições climáticas, a horta e os animais também faziam parte de seu trabalho, além disso, à noite, mesmo sem energia elétrica, realizavam atividades para a família, desde o preparo de alimentos até a confecção de roupas, conforme expressa Orquídea:

Tinha que ser de noite, porque de dia tinha que ir na roça, fazer as roupinhas de noite, *con il ciareto intacà* [com o lampião aceso], de noite fazer o enxoval porque de dia tinha que ir na roça, o filó [encontro realizado à noite pelos vizinhos próximos] era trabalhando, não é que nem agora, *granca bel de ricordar* [nem é bom lembrar].

Isso reforça que o trabalho, para essas mulheres, era acompanhado pelas exigências da vida, pois para ter o necessário para viver, era preciso confeccionar, inventar, produzir, enfim, trabalhar.

Segundo Tedesco (2004), são comuns os relatos na literatura sobre a história das mulheres camponesas descendentes de imigrantes italianos que migraram para várias regiões do sul do Brasil, a dimensão de seu incessante trabalho e sua mistura simbólica e material com o sofrimento, com o silêncio, o poder de sobrevivência; a contribuição destas mulheres para a naturalização

de sua circunstância histórico-cultural e étnica eram fatores importantes que reforçavam o papel do trabalho para essas mulheres, visualizando-o como um importante agregador que fortalecia todo o processo de reconstituição do novo, que nada mais era do que uma modernização do velho processo cotidiano de vida.

De certa forma, as mulheres viam a sobrecarga de trabalho como um alívio do sofrimento vivido; o trabalho possuía um valor simbólico importante dentro da estrutura familiar, pois acrescentava uma forma de superação do cotidiano. Conforme Tedesco (2004), a entrega ao trabalho dava-se ao extremado despojamento e apego. Os imigrantes e seus descendentes construíram laços de amizade e de parentela, sendo esses muito valorizados. Atualmente, as idosas criticam e sentem pelo pouco valor que os mais jovens atribuem às suas lembranças. Dália afirma em sua fala: “Hoje se você conta pros jovens o que a gente passou eles nem acreditam, eles acham que não é verdade, nem é bom lembrar quanto sofrimento”.

Segundo Fernandes (2001), principalmente no decorrer das últimas quatro décadas, a expectativa de vida aumentou, gerando um percentual maior de idosos. Além disso, mudanças estruturais e avanços tecnológicos, associados às transformações de comportamento, frente à nupcialidade e à família, geraram conformações familiares distintas às encontradas no passado.

É difícil dimensionar e valorar o trabalho artesanal realizado pelas mulheres octogenárias do estudo em relação aos jovens da atualidade. A dimensão de trabalho, hoje, está centrada na tecnologia, na facilidade de adquirir produtos prontos, sem a necessidade de produzi-los como outrora; essa dimensão, pouco entendida pelos jovens, está cada vez mais presente. As entrevistadas corroboram sobre a forma do trabalho artesanal de artefatos para uso da família:

Quando tinha um ano, um ano e pouco [as crianças], se fazia como se fosse um colchãozinho, pra bota embaixo da criança, se fazia um colchão de pena pra ele dormir em cima [...] (JASMIM).

Uma vez tinha que fazer tudo, agora tem tudo, uma vez não tinha nada, tinha que fazer tudo, tinha que fazer roupinha de noite, costurar de noite, tinha que fazer de tudo (HORTÊNSIA).

O artesanato foi fundamental nos primórdios da colonização italiana, tanto para a organização de vida dos colonos, quanto na promoção da

economia doméstica, na confecção de roupas e utensílios. Além disso, esse também era viabilizador de receita monetária subsidiadora das atividades da roça (TEDESCO, 2004).

O trabalho artesanal e o trabalho da lavoura realizado pelas mulheres também são descritos por Bonafé (2007), ao afirmar que as mesmas acompanhavam os homens no serviço pesado na lavoura. Nos serviços da casa, permanecia uma mulher para lavar, cozinhar, remendar, costurar; as roupas eram lavadas nos rios, em cima de uma tábua; a água para a cozinha era buscada em fontes, ou em poços. As mulheres da época eram descritas como trabalhadeiras e dedicadas; após terem trabalhado o dia inteiro na lavoura, à noite realizavam bordados e costura, além da dressa (trança de palha de trigo). Conforme descrito por elas, apesar do cansaço, tudo era feito com satisfação.

Esse trabalho diário também é comentado pelas octogenárias, pois fazia parte de seu cotidiano. O trabalho diurno constava das atividades da casa e da roça e, à noite, a continuidade se dava pelas atividades domésticas:

A novela daquela época era com a cuia e fazendo chapéu [se referindo que não havia sossego nem à noite], costurando roupinha das crianças, com a maquina, a mão e vai embora, e com a velinha lá que quase não se enxergava, agora nem parece mundo pras roupa, pras crianças, as falda, as falda [fraldas] (HORTÊNSIA).

Não tinha máquina, não tinha nada, tudo à mão, tinha uma fonte perto da estrada, fizemos um lavador e assim a gente lavava (DÁLIA).

O crescente envolvimento da mulher na força de trabalho, não apenas agrícola, se dá com o forte vínculo que existia entre produção, consumo, comércio, trabalho, família, renda e número de filhos, reorientando-se com as modificações na vida doméstica. O trabalho, para essas mulheres, dependia do período de vida da família; sua jornada de trabalho sempre foi superior à do homem e vista apenas como ajuda, uma obrigação e uma complementaridade das atividades familiares. O poder e a dominação eram exercidos pelo chefe de família, o homem; as atividades do processo de trabalho, internas e externas, da unidade produtiva, eram vividas e exercidas duplamente pelas mulheres, esposas e mães (TEDESCO, 2004).

3.2 O significado atribuído: quando as regras cessam, vem o alívio

A vivência das mulheres octogenárias estava centrada na família, no trabalho e na religião, sendo que esses dois últimos estavam consolidados na família. Isso significa que a família era o núcleo e o principal objetivo da mulher. Essa inter-relação, por um lado, fortalecia a mulher, no que confere à dimensão social e psicológica; e, por outro, o cuidado da casa, dos filhos e da roça provocava exaustão física em função do trabalho, por vezes gerando sofrimento frente às adversidades do momento, devido à família numerosa e aos poucos recursos de subsistência.

A mulher, no âmbito da família, estava submetida a sua fertilidade, não só pela ausência de métodos contraceptivos, como também pela influência severa das leis da Igreja. Vale ressaltar que o emprego dos métodos comportamentais tinha baixa eficácia e isso se refletia no número de filhos, talvez pela falta de informações e conhecimento da própria fisiologia reprodutiva feminina, como confere o depoimento de Orquídea: “[...] uma vizinha que dizia, *mi ingravido se vui* (eu engravidado se eu quero), muitos cuida, cuida os dias do mês, cuida não sei o que lá, *feto Che? mi proea* (fazer o quê? eu tentava), mas não adiantou nada, acho que era para vim mesmo e pronto”.

Desse modo, o término da vida reprodutiva, para essas mulheres, significava um verdadeiro alívio, pois a natureza se encarregava de apontar a solução de parte dos problemas, quais sejam: a questão da função reprodutiva, do trabalho excessivo de criar filhos pequenos e a preocupação com o futuro desses. Assim, aquele “incômodo” cessava com o fim das regras, significando um grande alívio, como se observa nos comentários:

Eu fiquei feliz porque disse agora pelo menos terminei de comprar filho [é de costume local utilizar a expressão “comprar filho” como significado de “engravidar”], de sofrer de ter filhos, naquela época não tinha nada, comprimido nada, todos era assim (DÁLIA).

[...] *saralo vera?* [será verdade?] parou de repente, parecia que parou e deu, em vez depois de 5, 6 meses, vinha de novo, ah!!! senhor, achava que parava, levava até um susto, *ma Dio si* [mas Deus sim], depois vinha de novo [...] *non vedea la beata ora mi, un incomodo manco: oh, Signor, non vedea la beata ora, semo quasi con cento anni e 'ncora drío comprar fioi, ma Signore no, parché?* [Não via a hora, um incômodo a menos, oh, Senhor, não via a hora, quase com cem anos e ainda comprando filhos, mas Senhor, não, por quê?] Eu não fiquei triste, *tutta contenta* [toda contente] *mi un incomodo manco* [um incômodo a menos] (ROSA).

Mais contente, mais feliz, mais tranquila, tanto pelo trabalho como por não ter filho, pelo amor de *Dio*, não é como agora, tem tudo, falda, mais falda, e mais falda, o pior é o pano falda, lavava às pressa, porque tem que ir na roça. Oh!! Oh!! ficava cor-de-rosa [referindo ao aspecto depreciativo da fralda de pano] porque não conseguia trocar logo, pois tinha serviço, era coisa de loco, fiz tudo de gosto, não me importei de nada, era tudo igual (JASMIM).

No, no, mais tranquila, *altro che, pa mor de Dio* [olha o que é que, pelo amor de Deus – referindo-se à parada da menstruação] (MARGARIDA).

Os depoimentos refletem a satisfação vivida com a chegada do climatério/menopausa, pois, com isso, não havia mais o risco de engravidar; na época, a sobrecarga de trabalho, aliada à escassez de recursos e ao grande número de filhos, eram fatores determinantes e a chegada do climatério se tornava um fato extremamente importante no término da constituição familiar do casal, sendo um processo esperado pela mulher.

Para as mulheres deste estudo, quando se reportam aos cuidados com “as regras”, destacam o ritual da provisão dos recursos, ou seja, como não havia, naquela época, absorventes, a solução estava na utilização dos “panos”, como confere: “Se colocava panão, cara, pra não vim para casa [da roça] trocar, bem grosso” (JASMIM). “Se botava paninho” (ORQUÍDEA).

O que apareceu nas falas, em relação a essa questão, é que a mulher climatérica não possuía recursos como absorventes; eram usados panos, paninhos, geralmente com pedaços de lençóis velhos, utilizados pelas mulheres durante seu ciclo menstrual e que, após o uso, eram lavados e usados novamente.

Trench e Rosa (2008) trazem um dado interessante acerca das queixas atreladas à menopausa e à questão da desinformação das idosas. Em seus estudos, uma depoente com 71 anos alega que não possuía conhecimento sobre o climatério, não acreditando porque a menopausa gerava tanta polêmica, não tendo qualquer queixa relacionada a essa fase; algo semelhante ao encontrado no presente estudo. Isso aponta que o entendimento dessa etapa e seus sintomas faziam parte de um processo natural na vida de todas as mulheres, não trazendo preocupação a elas em relação às alterações apresentadas.

A maximização do climatério/menopausa, até certo ponto evidenciada pela mídia, ou as necessidades criadas pelos profissionais de saúde e, por que não, da indústria farmacêutica em mostrar esse evento natural da vida como algo patológico, assim como também é feito com o envelhecimento, podem acarretar danos à mulher. Ciornai (1999) chama atenção para essa questão, quando refere que a desconexão entre a importância do climatério/menopausa na vida de uma mulher e a atenção que essa fase recebe da

mídia e dos profissionais das áreas sociais e de saúde é um contra-senso; a falta de informação acaba sustentando a solidão, o acanhamento e o sofrimento físico e psicológico que, por muitas vezes, acompanham as mulheres nesse período.

As mulheres octogenárias do estudo relataram sintomas leves em relação à menopausa/climatério; apenas duas das entrevistadas ressaltaram com mais frequência e intensidade os “calorões”, como cita Margarida: “*Si anca mi gávea os calorão, pa mor de Dio [...] [sim eu também tinha os calorão, pelo amor de Deus]*”. As demais frisaram que esses sintomas eram inexistentes, ou praticamente imperceptíveis, como conferem os relatos a seguir:

Pra mim não [se referindo aos sintomas], muitos me perguntam para mim, se não tive calorão, de diferente não, não sentia nada, só se era quando eu trabalhava na roça com o sol, que eu nem notei, não, não (ORQUÍDEA).

Ma nem, nada, há que, nem percebi [se referindo aos sintomas] (GERÂNIO).

Tinha calorão, a maioria de noite na hora de dormir, um pouco de noite, ha que, não dava, uma pegadinha e depois desaparecia, e dormir, como dormia bem, ohhh (JASMIM).

Esses poucos sintomas, ou quase insignificantes, são também descritos por Berni, Luz e Kohlrausch (2007), em uma pesquisa realizada na região metropolitana de Porto Alegre (RS), sobre as percepções da mulher no climatério. Para algumas mulheres, a vivência do climatério é vista como um período confortável da vida, apesar do desconforto pelos sintomas sentidos; poucas referem estar incomodadas com as alterações físicas evidenciadas e parecem aceitar essas alterações como algo que faz parte da vida e pelo qual devam atravessar.

Helman (2009) afirma que, até certo ponto, homens e mulheres podem ter suas culturas próprias distintas, atendendo diferentes expectativas, seguindo normas distintas dentro de uma mesma sociedade. Nessa perspectiva, para as mulheres descendentes de italianos do estudo, a questão do trabalho e a ocupação com os afazeres familiares e domésticos estavam num plano prioritário, assim, o que dizia respeito ao corpo, muitas vezes, passava despercebido.

A forma como as mulheres enfrentavam e se adaptavam às mudanças advindas do climatério/menopausa passa pela sua história de vida, de como suas vivências cotidianas foram interpretadas ao longo de sua trajetória e de que forma isso interferiu na formação de crenças e mitos sobre esse período. Essa construção de vida é que irá determinar a forma como ela irá vivenciar essa etapa.

O olhar da mulher sobre si passa pelo filtro da história da relação da mulher consigo mesma em termos de autoestima; passa por suas vivências pessoais, profissionais, culturais ou sociais e por como as registrou ao longo de sua vida em termos de como se sentiu percebida, amada, desejada, valorizada, confirmada, respeitada, ou, ao contrário, desqualificada e rejeitada (CIORNAI, 1999, p. 125).

Cabe ressaltar que a questão cultural, para as mulheres octogenárias, está enraizada nos aspectos naturais do climatério e menopausa, e que as dificuldades encontradas no dia a dia em relação ao trabalho e à família eram substancialmente mais importantes do que os sintomas do período que elas estavam vivenciando. Quando as mesmas se referem ao presente, se reportando às mulheres climatéricas, negam qualquer semelhança no que diz respeito aos sintomas psicológicos:

Não, não, nem sabia o que era depressão, graças a Deus, tens uns que fala que dá depressão porque, que, eu digo que não [...] sempre dormi bem, trabalhava era nova, *tochea* [tinha] dormir *dopo* [depois] (ORQUÍDEA).

Não, não [ter ficado deprimida], eu sabia, eu sabia, nem me preocupei [se referindo à falta da menstruação], sabia que era assim, me parece que não (HORTÊNSIA).

No parque? Eu não fiquei triste, *tutta contenta* [toda contente] um incômodo a menos (ROSA).

A vivência do climatério e da menopausa pelas mulheres pode ser compreendida com a fala de Furtado (2001), ao argumentar que a menopausa, hoje, é mais aparente do que em épocas anteriores, pois naquele período o corpo e a sexualidade tinham que ser silenciados.

Para De Lorenzi (2009), a percepção atual de saúde em todas as etapas da vida está ligada diretamente a uma realidade social específica, com influências fatorias, políticas, econômicas e culturais, não se restringindo a fatores biológicos. Isso pode explicar, em parte, a maneira como essas mulheres octogenárias vivenciaram o período do climatério, como elas perceberam as modificações ocorridas e as influências socioculturais que repercutiram na adaptação das mesmas ao período.

Para Ciornai (1999), a influência da cultura, ou até da sub-cultura a que pertence o indivíduo dissonante (ou não), aos valores e mitos possui uma função importante na origem das vivências e experiências individuais; assim, o mesmo deverá ser compreendido como um todo e não isolado do mundo e da cultura onde ele vive.

Em outro estudo realizado com mulheres entre 45 e 65 anos em Teresina, no Piauí, em 2004, as mulheres mostraram-se satisfeitas em relação ao término da menstruação, mostrando a abertura de novas possibilidades, livres de ciclos dolorosos e não desejáveis, demonstrando uma maior tranquilidade e vaidade, melhorando sua relação consigo mesmas e com o mundo (ALMEIDA; LUZ; MONTEIRO, 2007).

Diferentemente, um estudo de Trench e Rosa (2008) chama atenção à ambiguidade dos relatos sobre a menopausa, sendo vivida como um acontecimento inevitável, relacionado aos seus corpos e suas vidas como uma entidade estranha, inimiga, inesperada, podendo ser esse fator que faz com que as mulheres designem a menopausa como “esse negócio”, “coisa ruim”, “ela”, “isso”, depondo a menopausa de seu nome próprio, enviando para o não-dito e o inominável.

Essas diferenças entre as formas de adaptação desses sintomas e as alterações físicas e psicológicas sofrem influência do meio social, cultural e econômico de cada mulher; as alternativas compensatórias são importantes para que a mulher possa usufruir deste período com mais maturidade, intensificando os pontos positivos, desvalorizando as perdas advindas desta etapa e aspirando a outros caminhos e possibilidades no encaminhamento de um envelhecimento bem-sucedido.

4 Considerações finais

Recordar esse passado, focado no sofrimento vivido pelas octogenárias, é a busca do curso da memória, a valorização e o significado do tempo vivido, distribuído, dentro do cotidiano, na família, no trabalho, na comunidade, na rede de vizinhança e na Igreja. Com isso, as narrativas eram descritas com satisfação do tempo passado, pela luta constante que era estabelecida e pelas melhores condições de vida conquistadas no momento presente.

A prioridade, durante esse período, estava focada no trabalho, no cuidado dos filhos e da casa e nas atividades da roça. Os sintomas ocorriam com maior ou menor intensidade, porém não eram maximizados devido ao envolvimento da mulher nessas atividades, mostrando-nos a importância do envolvimento social e familiar da mulher, tornando-se, com isso, um fator de equilíbrio e colaborando no processo de adaptação e aceitabilidade das alterações e perdas que ocorrem durante o climatério.

Compreender o significado do climatério para a mulher octogenária, através de suas narrativas, torna o passado um elemento fundamental de

ligação entre suas experiências vividas e a realidade da mulher que vivencia o climatério hoje, em um contexto diferente, modificado no seu ambiente, nos seus valores, na sua cultura e na evolução tecnológica, tornando possível uma reflexão e uma discussão dessas diferenças e do significado atribuído por elas, objetivando uma melhor assistência de saúde a esse período.

Sendo assim, é perceptível que os profissionais que atendem a mulher no climatério devem promover a relativização da assistência, não buscando uma forma única de atendimento à mulher, mostrando sua singularidade, fundada em fatores sociais, econômicos, culturais e educacionais. Dessa forma, o significado do climatério, para a mulher, não ocorre de uma única perspectiva, mas de uma inter-relação de experiências, costumes e mitos sociais e pessoais, relacionando esses fatores através de combinações ligadas à história de vida de cada uma.

MEANING OF CLIMATERIUM FOR THE RURAL OCTOGENARIAN WOMAN

abstract

The increasing life expectancy of the Brazilian population in recent decades, with emphasis on women's expressive representativeness, both quantitatively and qualitatively, reflects significantly in the climaterium and menopause period, as in the quality of life. This article aims to know the significance of the experience of climaterium in a group of rural octogenarian women. It is a descriptive study of qualitative approach. The sample consisted of seven octogenarian women of Italian descent, aged from 80 to 88 years; data were collected between the months of April and June 2010. The strategy of data collection was a household interview and the narratives obtained subsequently were evaluated through content analysis. The significance of climaterium is determined by the socio-cultural-historical context; for women, it's a condition of relief, a time when the nuisances cease with the end of their menstrual cycles.

keywords

Aging. Climaterium. Culture.

referências

- ALMEIDA, Lúcia Helena Rios Barbosa de; LUZ, Maria Helena Barros Araújo; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. Ser mulher no climatério: uma análise compreensiva pela enfermagem. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 370-375, jul./set. 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: uma introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira; LUZ, Maria Heckø; KOHLRAUSCH, Sheila Cristina. Conhecimento, percepções e assistência à saúde da mulher no climatério. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 3, p. 299-306, maio/jun. 2007.
- BONAFÉ, Marilene de Carli. *Memória, literatura e cultura: as vozes das mulheres italianas*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa*. Brasília, 2008.
- _____. Ministério da Saúde. Resolução 196/96. *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2011.
- CIORNAI, Selma. *Da contracultura à menopausa*. São Paulo: Oficina de Textos, 1999.
- DE LORENZI, Dino Roberto Soares et al. Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 62, n. 2, p. 287-293, mar./abr. 2009.
- FERNANDES, Ana Alexandre. Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 36, p. 39-52, set. 2001.
- FREITAS, Fernando et al. Climatério. In: FREITAS, Fernando et al. *Rotinas em ginecologia*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 443-463.
- FURTADO, Ana Maria. Um corpo que pede sentido: um estudo psicanalítico sobre mulheres na menopausa. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 27-37, 2001.
- HANAN, Marília Zicker et al. Climatério. In: CAMARGOS, Aroldo Fernando et al. *Ginecologia ambulatorial: baseada em evidências científicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2008. p. 353-380.
- HELMAN, Cecil G. *Cultura, saúde e doença*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Resultados do Censo 2010*. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: 27 jan. 2011.
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LIRA, Geison Vasconcelos; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; NATIONS, Marilyn K. A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 16, n. 1-2, p. 59-66, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento e qualidade de vida na mulher. In: CONGRESSO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 2., 2001, São Paulo. *Anais...* São Paulo: GERP, 2001. p. 1-18. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.net/artigos/maio2007/2congresso.pdf>>. Acesso em: jul. 2009.

PESSINI, Léo. Envelhecimento e dignidade humana: ame o(a) idoso(a) que você é ou está nascendo em você! In: PASQUALOTTI, Adriano; PORTELLA, Marilene Rodrigues; BETTINELLI, Luiz Antonio (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 311-324.

PINELLI, Francisca das Graças Salazar. Promovendo a Saúde. In: BARROS, Sônia Maria; MARIN, Heimar de Fátima; ABRÃO, Ana Cristina. *Enfermagem obstétrica e ginecológica*. São Paulo: Roca, 2002. p. 415-428.

PRATA, Leonor. Cuidados de saúde à mulher no climatério e menopausa: um desafio para a medicina familiar. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 345-349, 2003.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF Editora; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da Costa. Menopausa, hormônios, envelhecimento: discursos de mulheres que vivem em um bairro na periferia da cidade de São Paulo, estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, Recife, v. 8, n. 2, p. 207-216, jan./mar. 2008.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Recebido: 16/05/2011
Aceite Final: 05/11/2011